

VISÃO DO CORREIO

Nosso lugar na desordem global

As primeiras 24 horas desde o anúncio do cessar-fogo bilateral entre Estados Unidos e Irã bastaram para esclarecer ao menos um ponto, entre tantas incertezas relacionadas ao conflito: cada passo à frente deve ser valorizado, até comemorado. Mas é imprudente ver em qualquer avanço algum tipo de garantia para uma paz sólida e duradoura.

A guerra iniciada no último dia de fevereiro tem raízes muito mais profundas que os itens negociados entre os dois lados, com intermediação do Paquistão. Incluem terceiras e quartas partes, como Israel e o Líbano. E, na ausência de documentos firmados e publicados, dão margem a controvérsias — como as que se instalaram, ontem, em torno dos bombardeios israelenses maciços sobre a capital libanesa.

Não se trata, à primeira vista, de episódios que possam, por si só, pôr a perder a trégua negociada a duríssimas penas, depois de 40 dias de hostilidades. Mas eles ilustram e dão dimensões aos obstáculos colocados no caminho da diplomacia.

Em cada ponta do conflito, injunções domésticas pesam sobre as decisões tomadas nas instâncias de comando. EUA e Israel traçam metas e fazem cálculos com as urnas no horizonte. Em situações distintas, Donald Trump e o premiê Benjamin Netanyahu têm o futuro político vinculado ao veredicto dos eleitores. No Irã, está em jogo o futuro de uma nova liderança, que ascende para substituir os dirigentes abatidos em bombardeios — mártires, na constelação ideológica do islã xiita.

No Líbano, a destruição material, as perdas humanas e o deslocamento em massa de população fazem estremecer

a frágil convivência entre as confissões religiosas que compõem o mosaico da população — um terreno social riscado por falhas geológicas que produziram 15 anos de guerra civil, entre 1975 e 1990.

Uma apreciação ligeira e panorâmica dos desafios entrelaçados basta para que se compreenda a fragilidade do processo em curso. Visto da distância conveniente em que nos encontramos, o cenário parece gritar pela urgência de um sistema de relações internacionais capaz de circunscrever disputas, conter escaladas de violência e, sobretudo, inibir seu alastramento.

Foi sob esses lemas que a Organização das Nações Unidas (ONU) nasceu, em 1945, entre escombros e cicatrizes da Segunda Guerra Mundial. Depois de oito décadas, quatro delas aprisionadas nos meandros da Guerra Fria, o sistema multilateral concebido para disciplinar as relações internacionais dá sinais de esgotamento.

Incidir diretamente na crise em andamento está, claramente, além do alcance da diplomacia brasileira. Mas, até pela relativa equidistância entre as partes envolvidas, o país tem diante de si a oportunidade de se fazer ouvir justamente no que diz respeito à arquitetura do sistema ONU. Como porta-voz da América Latina e do chamado Sul Global, uma parte do mundo que participa apenas da distribuição dos danos — notadamente, a montanha-russa nos mercados globais —, o Brasil tem aportes a fazer nas discussões destinadas a dar forma e expressão a uma ordem internacional multipolar.

Nela, e apenas nela, pode haver caminho para que não recaiam sobre todos os ônus da insanidade cometida por uns poucos.



CIDA BARBOSA
cidabarbosa.df@dabr.com.br

Socorro que não chega

Com o despertar do Brasil para o desafio do combate à violência contra a mulher, vemos no país uma mobilização nacional, que envolve Estado, entidades, movimentos sociais, meios de comunicação, população em geral. O enfrentamento tem se dado com leis, políticas públicas, campanhas massivas de conscientização, debates, manifestações nas ruas. O número de feminicídio e de outras violências de gênero ainda é alarmante, sim, mas estamos na peleja para transformar essa realidade.

Como mulher, como ser humano, saúdo imensamente esse despertar, claro, mas fico me perguntando quando faremos o mesmo em relação à segurança de outro grupo vulnerável — na verdade, o mais carente de proteção entre todos, o de crianças e adolescentes. A violência contra eles é uma chaga neste país, porém está a anos-luz de ser tratada com o rigor e a urgência que a gravidade exige.

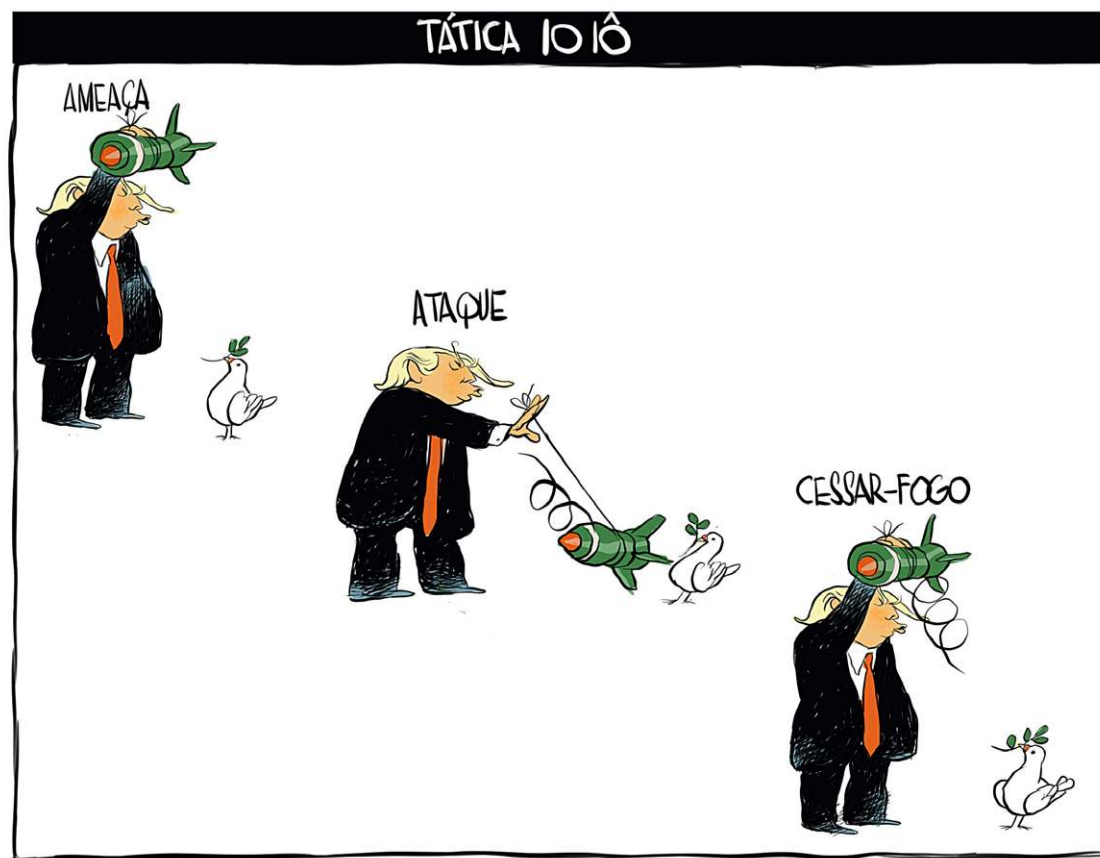
Cito aqui casos que aconteceram há poucos dias. No Rio de Janeiro, uma bebê de 1 ano e 9 meses morreu espancada pelo padrasto. Também no estado, uma criança de 1 ano e 4 meses, agredida pela mãe e pelo companheiro dela, sofreu traumatismo craniano e está internada com quadro grave. Em São Paulo, uma recém-nascida foi surrada pela mãe; e uma outra criança, de 11 meses, não sobreviveu à violência praticada pela mãe e pelo padrasto. Aqui no DF, duas crianças, de 8 e 12 anos, eram frequentemente agredidas pelo pai com fios, cipós e

tábuas, além de serem submetidas a castigos degradantes e serem ameaçadas de morte. Em Minas, uma menina, de apenas 39 dias, foi morta por asfixia pela mãe. No Amazonas, uma garotinha de 10 anos denunciou, por meio de desenhos, que era rotineiramente estuproada pelo pai.

Há uma proliferação de crimes de extrema violência assim contra crianças e adolescentes. Uma epidemia no país. Tratamento cruel, torturas, estupro, homicídios. Um horror que ocorre, principalmente, dentro da própria casa da vítima.

O Atlas da Violência, divulgado no ano passado, mostrou que, a cada hora, 13 crianças e adolescentes sofreram algum tipo de violência em 2023. Uma série de outros levantamentos mostra que meninas e meninos são sempre as principais vítimas de todo tipo de abuso.

Mesmo diante do panorama aterrador, o país segue negligenciando a segurança da sua população mais vulnerável. Até quando esse sofrimento ficará sob o manto da invisibilidade? É urgente despertarmos — como fizemos em relação à violência de gênero — para o dever de proteção integral de crianças e adolescentes. E tem de ser imediatamente, com ações efetivas e coordenadas; campanhas massivas de conscientização, políticas públicas de prevenção à violência. Tem de ser um esforço conjunto, de Estado, família e sociedade, para o enfrentamento dessa realidade brutal.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Guerra 1

O cessar-fogo no Oriente Médio do último dia 7 expõe com precisão o monumental fracasso estratégico de Donald Trump e Benjamin Netanyahu. Ao recuar de seu objetivo inicial de derrubar o regime iraniano, Trump não apenas capitulou, mas entregou a Teerã uma vitória política inestimável. A reabertura do Estreito de Ormuz, celebrada como conquista, é uma ilusão que mascara o verdadeiro custo geopolítico: o Irã consolidou seu poder regional e demonstrou controle sobre uma rota vital, enquanto os Estados Unidos amargam sua maior derrota desde o Vietnã. A arrogância de subestimar a resiliência iraniana resultou em um cenário em que o regime mantém seu programa nuclear intacto e os aliados árabes pagam o preço da instabilidade. O recuo americano não trouxe paz, apenas reconfigurou o tabuleiro global em favor de seus adversários.

» **Marcelo Galimberti Nunes**

Sudoeste

Guerra 2

As pessoas já estão protestando contra a guerra diante da Casa Branca, nos Estados Unidos, lembrando que as decisões tomadas no calor do momento podem custar vidas inocentes. Em tempos assim, a sociedade precisa ser a voz que puxa o freio, que exige prudência, que lembra que bravatas não constroem segurança.

» **Pacelli M. Zahler**

Sudoeste

Bets

Sou contra proibir as bets, como afirmou o presidente Lula. Tem que deixar a população ter o direito de escolha. O ideal seria que o brasileiro médio tivesse o mínimo de inteligência para perceber que esses jogos de aposta on-line são uma furada. O Estado sempre quer “agir na ponta” esquecendo a base, que, nesse caso, seria a educação.

» **Kelvin Mello**

Brasília

Demagogia

Existem três vícios muito comuns na democracia que poucas sociedades conseguiram dominar. São eles: a demagogia, a inflação e a subversão. O demagogo alcança o poder subornando o eleitorado. Promete riqueza e bem-estar para todo mundo. Promete abolir o desemprego. O demagogo explora a fraqueza dos desaculturados e a preguiça de muita gente. A maneira do demagogo fazer política é inevitavelmente inflacionária, já que o demagogo promete cumprir exigências que estão fora do alcance dos recursos reais do país. E a subversão, ela que é tal como a demagogia e a inflação ao mesmo tempo, um fator característico e corruptor do processo democrático? A subversão vem sendo a tentativa sistemática de um grupo organizado em destruir a ordem existente na sociedade, desrespeitando a Constituição.

» **Renato Mendes Prestes**

Águas Claras

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Em publicação na rede social, Trump ameaça com o extermínio da civilização iraniana e, no final, fala em Deus. Duas coisas que não combinam: O nome de Deus e Donald Trump.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Escalada com o Irã deixa Donald Trump exposto ao risco de um “Vietnã”, evocando o fantasma do atoleiro prolongado e politicamente custoso enfrentado pelos Estados Unidos no Sudeste Asiático.

Túlio Marco Soares Carvalho — São Paulo

A bomba mais letal é o Estreito de Ormuz. Acerta o coração financeiro de todos os países!

Nathã O. Martins — Brasília

No governo passado, a solução sempre era diminuir os impostos. Neste, é justamente o contrário. Não é à toa que 80% das famílias estão endividadadas!

Carol Diniz — Barro Preto (BA)

As dívidas são um problema estrutural do brasileiro por falta de educação financeira. Com a chegada das bets, só piorou. Esse projeto de usar o FGTS para pagar dívidas é eleitoreiro.

Adilson Pires — Brasília

Torraram o dinheiro da cidade com obras caras, inacabadas e de baixa qualidade. Basta, como exemplo, ver a Estrutural, já apresentando buracos.

Francisco Denys — Brasília

Sobrenome

Há, na grande mídia jornalística, de pouco tempo para cá, uma certa economia no uso de sobrenomes ao se referir a alguns políticos. Alguns nomes próprios, por si só, já carregam a identificação de quem se está falando. Por exemplo: Djavan, todos sabem de quem se trata. Mas, se for “Chico”, quem seria? Chico Buarque? Chico Science? Essa “certa economia” me parece mais uma necessidade de esconder o patronímico do político do que uma simples economia de caracteres.

» **Marcus Aurelio de Carvalho**

Santos (SP)

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anúncio Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoal para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br